

TRADUÇÃO ELETRÔNICA: REATANDO O NÓ ENTRE LÍNGUA E CULTURA

*Luciano Rodrigues Lima**

RESUMO: Procede-se, inicialmente, a uma breve historicização da Tradução Eletrônica, discute-se a questão de sua inserção no campo teórico da tradução em geral e descreve-se, de modo didático e ilustrativo, o princípio de funcionamento dos tradutores eletrônicos. Procede-se, então, à análise do desempenho do *Google Translate* (Tradutor do Google) em sua configuração inglês-português aplicado à tradução de um texto com forte conteúdo cultural e identitário. As conclusões apontam que as deficiências atuais na tradução de textos de variações não padrão do inglês poderão ser melhoradas com a inclusão de novos vocábulos (fora da ortografia padrão), expressões idiomáticas e gírias referentes às diversas variantes do inglês como língua nativa no banco de dados inglês-português do tradutor.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução eletrônica; Tradutor do Google; Banco de dados; inglês não padrão; Teoria da tradução.

I - Introdução

O tema da tradução eletrônica (TE) é relevante para diversas áreas do conhecimento como a tecnologia, a comunicação e os estudos de tradução. Apesar disso, existe uma grande desinformação sobre a matéria, a respeito da qual campeiam conceitos errô-

* Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia. Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia.

neos e preconceitos. Além disso, o assunto pode ser abordado pelo viés filosófico, econômico, político, cultural, linguístico e outros. O aperfeiçoamento dos limites da tradução eletrônica também interessa às pessoas em geral, para a ampliação de seus horizontes culturais. Suas possibilidades de aplicação são imensas e sequer podem ser previstas, no momento. Novas áreas promissoras para a tradução eletrônica se abrem com a sua associação aos *softwares* de reconhecimento de voz, o que permite a tradução simultânea ou consecutiva do texto oral. No Brasil, poucos são os estudos divulgados, embora pesquisas acadêmicas já tenham contemplado o tema. Este breve artigo se justifica pela importância da tradução eletrônica para os estudos de tradução e seus objetivos são propedêuticos, visando uma aplicação pedagógica, para estudantes dos cursos de letras e áreas afins.

A crescente busca por tradução rápida e eficiente de textos, orais e escritos, devido à intensa troca de informações e interações interlinguísticas e interculturais acelerada pelo progresso tecnológico no campo das comunicações, principalmente através da Internet, tem demandado novos estudos teóricos no campo da TE. Além disso, discute-se se a teoria da TE pode integrar o campo da teoria da tradução em geral, ou se, devido às especificidades e suas ramificações para as áreas dos *softwares* e da estatística, tal discussão conceitual mereceria uma teorização própria, como um tipo independente de tradução. Sobre este aspecto, discutiremos no tópico III. Além disso, discutiremos se o termo teorização se aplicaria às tecnologias utilizadas pela TE e suas funções, ou se apenas serão consideradas como teorização as discussões sobre a sua natureza.

Algumas questões fundamentais como a função social e alguns aspectos históricos foram discutidos por mim no artigo intitulado “Tradução eletrônica: do riso irônico ao interesse científico”. O artigo em questão, entretanto, foi publicado em 2011 e, desde então, a TE evoluiu significativamente, principalmente devido à disponibilização de novos recursos tecnológicos no universo da comunicação digital e à melhoria da interatividade entre os tradutores eletrônicos *online*, como o *Google Translate* (Tradutor do Google), e os usuários. Nesse período, os tradutores de voz, por exemplo, passaram de mera curiosida-

de eletrônica para o patamar de *softwares* confiáveis e cada vez mais utilizados como aplicativos portáteis em *smartphones*.

O relativo desconhecimento e desinteresse atuais pela TE seria, parece-nos, muito mais o resultado de uma era de acomodação do pensamento em um nível próximo ao senso comum, isto é, uma era em que, inconscientemente, se credita às próprias máquinas o mérito das novas e promissoras invenções. Esta questão da submissão do humano perante a máquina foi competentemente discutida em *Caosmose*, de Félix Guattari. No caso da TE, é como se o aparelho (*smartphone*, *tablet* ou computador) fosse o responsável por criar, através de alguma espécie de “osmose”, apenas mais um aplicativo capaz de traduzir entre diversas línguas naturais diferentes. Atualmente, ignoramos quase que inteiramente quem inventou as principais conquistas e avanços no mundo tecnológico digital ou, inconscientemente, pensamos que estas invenções são fáceis de alcançar, ao contrário dos tempos heroicos da história das invenções modernas. Certamente, essa atitude vem no rastro de uma condição pós-moderna avessa à teorização e à abstração, muito mais voltada para a glorificação do objeto de consumo em si e para um pragmatismo radical que apenas valoriza aquele que produz o objeto concreto ou o conserta, relegando ao esquecimento aquele que o pensou ou criou. Esta observação não representa uma queixa saudosista ou ressentida, mas apenas uma constatação inexorável sobre um tempo histórico como qualquer outro.

A motivação para este ensaio vem da necessidade de ministrar aulas e palestras sobre tradução eletrônica, no ambiente educacional dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras. Além disso, este trabalho tem como objetivo trazer para as pessoas interessadas em tradução novas questões teóricas e práticas sobre a TE, alertando-as que esse tipo de tradução, denominado em inglês de “machine translation” foi concebida, aperfeiçoada e adequada às necessidades humanas. Atualmente, através do processo de aperfeiçoamento por sugestões dos usuários, vem sendo melhorada a cada uso corriqueiro que fazemos dos tradutores eletrônicos disponíveis em rede. Às vezes, sem saber, so-

mos todos membros de uma comunidade que utiliza e aperfeiçoa cotidianamente a TE *online*.

Devido ao propósito pedagógico deste trabalho, buscarei elencar alguns dos principais autores e pesquisadores desta área, sempre que possível comentando seus trabalhos, de modo a facilitar o acesso dos alunos às fontes produtoras de ideias para o aperfeiçoamento e novas aplicações da TE. Além disso, os interessados poderão expandir seus conhecimentos utilizando-se da bibliografia referenciada ao final deste texto.

O presente trabalho, devido à formação do seu autor, certamente trará as discussões a respeito das questões de TE para um campo limítrofe entre a linguística, a filosofia, os estudos culturais e a área tecnológica propriamente dita. Esta última apresenta-se como relativamente estranha à minha formação e as informações sobre *softwares* só serão comentadas por mim com base na opinião dos especialistas citados. Como todo trabalho interdisciplinar, este poderá apresentar lacunas e carências com respeito à descrição das tecnologias empregadas na TE, além de reconhecer a necessidade de constantes atualizações, em razão do ritmo vertiginoso do desenvolvimento de novos produtos na área da comunicação digital.

II - Breve histórico

Na primeira metade do século XX, durante a Segunda Guerra Mundial, mecanismos capazes de processar palavras através de um método estatístico foram utilizados pelos Estados Unidos para tentar quebrar os códigos empregados em mensagens cifradas. Esses mecanismos utilizavam princípios estatísticos para encontrar alguma previsibilidade e possibilidade de decifração de mensagens linguísticas codificadas. Esse processo baseava-se numa lógica estatística denominada “*n*-grams”, centrada nas probabilidades, onde os vocábulos com mais de um sentido eram listados e codificados como “grams”, isto é, 1-gram, 2-gram etc. Este sistema podia somente realizar uma tradução grosseira ou aproximada de um texto, uma vez que no seu banco de dados existiam apenas palavras e tex-

tos, e não incluíam a lógica gramatical das duas línguas envolvidas na tradução. Na prática, essas máquinas eram capazes de prover uma tradução palavra por palavra.

A ideia originária da tradução eletrônica é de autoria controversa. No livro *Machine Translation: an Introductory Guide*, de Douglas Arnold *et alii*, este crédito é atribuído ao inglês Andrew D. Booth e ao norte-americano Warren Weaver, e, mais uma vez, a criação da tradução eletrônica é, de alguma forma, associada à noção de decifração de textos criptografados:

There is some dispute about who first had the idea of translating automatically between human languages, but the actual development of MT can be traced to conversations and correspondence between Andrew D. Booth, a British crystallographer, and Warren Weaver of the Rockefeller Foundation in 1947, and more specifically to a memorandum written by Weaver in 1949 to the Rockefeller Foundation which included the following two sentences. "I have a text in front of me which is written in Russian but I am going to pretend that it is really written in English and that it has been coded in some strange symbols. All I need to do is strip off the code in order to retrieve information contained in the text. (Arnold *et alii*, 2001, p. 12)

Há alguma controvérsia sobre quem primeiro teve a ideia de traduzir automaticamente entre as línguas humanas, mas o desenvolvimento real da TE pode ser atribuído a conversas e correspondência entre Andrew D. Booth, um cristalógrafo britânico, e Warren Weaver, da Fundação Rockefeller, em 1947, e mais especificamente a um memorando escrito por Weaver, em 1949, para a Fundação Rockefeller, que incluiu as duas frases seguintes. "Eu tenho um texto na minha frente que está escrito em russo, mas eu vou fingir que está realmente escrito em Inglês e que foi codificado com símbolos estranhos. Tudo o que precisa fazer é retirar o código, a fim de recuperar a informação contida no texto. (Tradução nossa)

De acordo com Aarne Ranta, em seu artigo "Machine Translation and Type Theory", destacam-se, na década de 1950, os trabalhos teóricos de Bar-Hillel, o qual foi pioneiro em propor um novo princípio teórico para a tradução eletrônica, baseado na lógica dos *categorial grammars*, isto é, através das categorias e regras gramaticais, o que possibilita-

ria traduzir longas seqüências de palavras com melhor nível de acerto. Posteriormente, contudo, o próprio Bar-Hillel admitiu que uma tradução mecânica próxima da tradução realizada pelos tradutores humanos seria inviável, pois somente um conhecimento profundo das duas línguas e das duas culturas envolvidas no processo tradutório seria capaz de fundamentar uma boa tradução. Do ponto de vista prático, ele considerava impossível armazenar tais dados complexos e infinitos em uma máquina.

Essas conclusões pessimistas de Bar-Hillel levaram o ALPAC - Automatic Language Processing Advisory Committee, em 1966, a definir a TE (ou tradução automática, como eles a denominavam na época) como inviável por duas razões principais: a) por ser pouco confiável b) por ser excessivamente cara. O resultado desse relatório da ALPAC foi o arquivamento de planos e a retirada de investimentos em relação à TE nos Estados Unidos por muitos anos.

A reabilitação dos estudos sobre tradução eletrônica se deu através da linguística computacional, nos anos 1970 e 80, com as pesquisas sobre *corpora* linguísticos eletronicamente armazenados, indexados e acessados. Outro dado importante na história da TE é a aquisição pela União Européia do sistema SYSTRAN, uma vez que esses países necessitavam, nos anos 1980, de um mecanismo eficiente para traduzir entre as principais línguas dos países membros. No Brasil, tivemos acesso ao sistema SYSTRAN através do tradutor online gratuito Babel Fish, disponibilizado pelo navegador de Internet Altavista. A partir de então, os estudos se concentraram em um aspecto-chave da tradução eletrônica: a desambiguação. Com o avanço dos *hardwares* e a possibilidade de se ampliar a memória dos programas, foi possível registrar no banco de dados dos tradutores eletrônicos sentenças já traduzidas e avaliadas por especialistas, para serem acionadas prontamente quando surgissem no texto, já que nas línguas a repetição de estruturas é um processo natural. Como resultado desses processos de desambiguação chegamos ao *Google Translate* que utiliza um artifício denominado *phrase alignment* (alinhamento de frases), isto é, a máquina vai buscar a tradução que o usuário solicita em textos paralelos alinhados frase por frase, ou simplesmente em uma compilação da mesma frase em várias línguas em parale-

lo, as quais estão armazenadas no banco de dados. Além disso, o *Google Translate* solicita do usuário sugestões para o aperfeiçoamento da tradução fornecida pela máquina. Essas sugestões serão registradas e acionadas quando, posteriormente, a tradução da mesma frase for solicitada por alguém. O tradutor em questão beneficia-se de uma das mais importantes características da cultura cibernética: a interatividade.

Apesar de possuir o maior banco de textos do mundo em dezenas de línguas e, por isso, ser considerado como o mais eficiente de todos os tradutores, ainda assim o *Google Translate* possui suas limitações. Algumas delas já foram analisadas por mim no artigo “Tradução eletrônica: do riso irônico ao interesse científico” e nova análise deste tradutor será feita neste artigo, na parte das considerações práticas, desta feita com respeito aos dados culturais e o modo encontrado pelo *Google Translate* para traduzi-los. Atualmente, as pesquisas visando à melhoria do desempenho dos tradutores se concentram nas possibilidades dos “métodos híbridos”, isto é, aqueles que combinam as teorias estatísticas das probabilidades e a internalização e utilização das regras gramaticais.

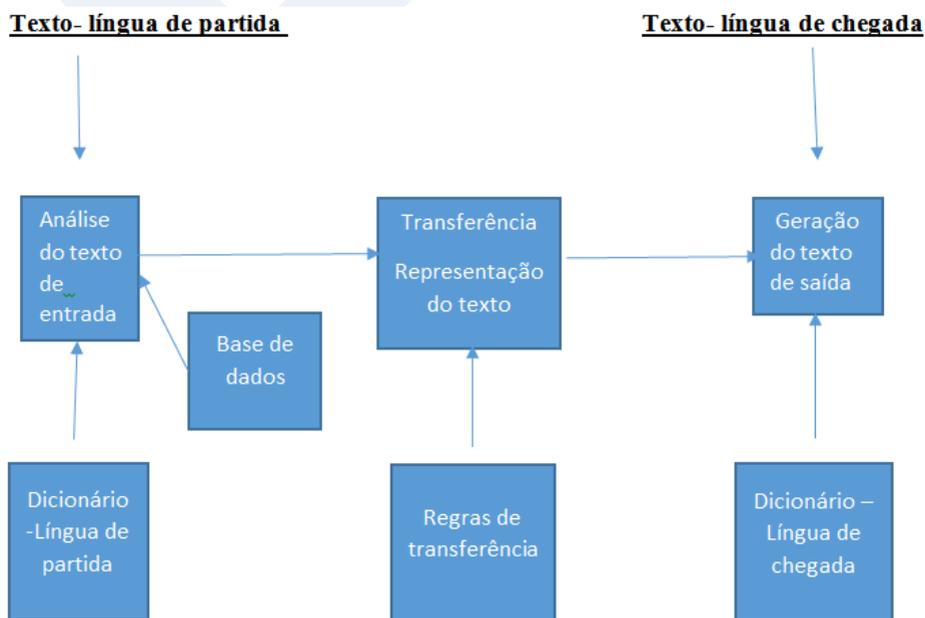
Conferências, seminários e simpósios são realizados regularmente para a apresentação de novos estudos sobre a TE. Uma das mais importantes é o evento anual “Conference on Translating and the Computer”, patrocinada pela ASLIB (The Association for Information Management) e o Instituto de Tradução e Interpretação (Institute for Translation and Interpreting).

III – Como se estrutura o tradutor eletrônico

Nesta parte, buscarei, de modo objetivo, resumir o princípio de funcionamento do tradutor eletrônico. Abaixo, na figura 1, apresento um modelo resumido do tradutor eletrônico típico. Note-se que a ilustração se refere à tradução entre duas línguas. Nos tradutores multilíngues, o banco de dados conterà informações em separado para cada língua, devidamente codificados para o acesso através dos mecanismos de programação computacional. Neste modelo, o texto de partida é analisado, comparado com a base de dados e recebe as informações do dicionário da língua de partida. Em seguida, o texto é encami-

nhado à área de transferência, onde recebe as informações gramaticais das duas línguas, a de partida e a de chegada. Por último é gerado o texto na língua de chegada o qual é compatibilizado com o dicionário da língua de chegada. Nos modelos mais sofisticados com *phrase alignment*, a transferência se dá por um processo paralelo de comparação entre frases prontas nas duas línguas envolvidas no processo tradutório, o que aumenta a chance de acerto na tradução dos grupos de palavras, como, por exemplo, no *Google Translate*.

Fig 1 - Arquitetura básica da TE.



Alguns tradutores eletrônicos, como o CANDIDE, da IBM, processavam os textos com base em probabilidade estatística, o que produzia uma tradução pobre, às vezes ilegível, principalmente entre línguas com gramáticas e léxicos muito diferentes. Atualmente, a transferência de frases entre as línguas se dá através de uma sequência que inclui: identificação das categorias e funções gramaticais das palavras na língua de partida, em seguida, processa-se a comparação entre as gramáticas, de modo que a montagem das frases no texto final submeta-se à lógica gramatical da língua de chegada. A questão das expressões idiomáticas, as quais normalmente fogem à lógica gramatical, tem sido resolvida cada vez com mais acerto à medida que os tradutores interativos como o *Google Translate* adicionam mais usos idiomáticos das palavras e expressões sugeridos pelos próprios usuários, ou contidas nos milhões de textos do banco de dados e acessadas eletronicamente.

IV – Algumas questões teóricas

A teorização, sobre qualquer objeto, requer disposição para quebrar a inércia e o mutismo natural de todas as coisas naturais. Inicialmente, os objetos se fecham, se calam. É preciso fazê-los falar sobre si mesmos, sobre sua própria natureza e função. Esta operação requer, no mínimo, um marco teórico, senso de observação e criatividade. Como observa Paul de Man, em seu clássico ensaio “The Resistance to Theory”, muito do que se considera como teorização não passa de gosto estético, preferência cultural de uma época, isto é, ao invés de se teorizar sobre o objeto projeta-se sobre ele algo previamente introjetado, como um conceito (ou um preconceito) cultural. No caso de De man, seu julgamento se dirige à teorização sobre a literatura. Aqui, o objeto da análise teórica, a saber a TE, é interdisciplinar, pois envolve várias áreas do conhecimento, como a tecnologia dos computadores, incluindo as áreas de *hardware* e *software*, os aspectos culturais, estéticos, econômicos, filosóficos, políticos, linguísticos, educacionais etc. Tentando abarcar todos esses aspectos ou possíveis vieses, Piotr Kuhiwczak e Karin Littau convidaram vários especialistas renomados para comentar a tradução em um livro intitulado *A Compa-*

nion to Translation Studies. Assim, Susan Bassnet assina o artigo “Culture and Translation”, Anthony Pym é responsável por “Philosophy and Translation”, e assim sucessivamente.

No presente trabalho, por possuir formação na área de letras, vou ater-me apenas às considerações teóricas relativas ao campo da tradução interlinguística. Atualmente, como mencionado no artigo de Susan Bassnet, nas discussões teóricas sobre tradução interessam muito as questões ligadas ao conceito de diferença, no sentido atribuído ao termo por Jacques Derrida. Isto ocorre atualmente, segundo Bassnet, porque o foco dos estudos de tradução, nos últimos anos, saltaram da análise meramente textual para os aspectos extra-textuais. A teoria tradutória dos polissistemas, proposta por Itamar Even-Zohar, Gideon Toury e James Holmes, por exemplo, amplia o horizonte dos problemas da tradução para as questões ideológicas, éticas e culturais. A teoria dos polissistemas preocupa-se com o que se define como “normas de tradução”, as quais, penso, seriam melhor entendidas se as denominassem de “normas culturais da tradução”, isto por tratarem das convenções culturais contidas na tipologia textual em todos os sistemas culturais, além de fazerem uma conexão entre tradução de textos e as expectativas culturais que os usuários alimentam.

Dentre as teorias mais inspiradoras para a TE, podemos citar a *skopos*, proposta por Hans Vermeer, Katharina Reif e outros, inspirada nos conceitos linguísticos funcionalistas, principalmente na noção de adequação linguística. Segundo essa teoria, as estratégias de tradução devem ser definidas de acordo com a função social que a mesma irá desempenhar, isto é, o tipo de texto (registro, estilo, nível de formalidade e complexidade) deverá estar de acordo com as necessidades dos prováveis usuários da tradução. A TE é concebida, evolui e adapta-se às necessidades dos usuários dos computadores e dos textos digitalizados, principalmente internautas. Trata-se de uma clientela que precisa de uma tradução rápida, facilmente acessível e aplicável a textos veiculados pela Internet ou por outras formas de transferência de textos, como pen drives, *bluetooth*, disponíveis para computadores, tablets ou celulares, mas não necessitam geralmente de uma tradução ótima. Os mecanismos de acionamento da TE são, atualmente, automáticos ou semi-

automáticos, isto é, o usuário nem precisa mais selecionar o texto, inseri-lo no campo da língua de partida do tradutor eletrônico e clicar no comando “traduzir”. Textos contidos em sites já são automaticamente traduzidos para a língua do país do usuário, se o comando estiver previamente acionado (ou se o usuário digitar o endereço eletrônico do texto no campo apropriado do tradutor eletrônico).

Outro aspecto funcionalista da TE é a sua maleabilidade, isto é, sua capacidade de adaptação para atender a demandas específicas dos usuários. O *Google Translate* (e o *SYS-TRAN* também) pode receber glossários técnicos adicionados por usuários que desejem traduzir textos técnicos com terminologia de áreas específicas. Esses glossários serão automaticamente adicionados ao banco de dados e servirão, daí em diante, para novos usuários que necessitem de tradução técnica naquela área específica.

De acordo com Anthony Pym, em seu artigo *Philosophy and Translation*, somente na modernidade produziu-se teorização sobre tradução. Na antiguidade clássica havia preconceito contra as línguas estrangeiras (fora do âmbito do grego e do latim) que eram consideradas línguas “bárbaras”. Na idade média europeia, a tradução era algo a ser escondido e não teorizado. O único texto aceito era a bíblia, sendo todos os demais suspeitos de heresia. Assim, o tradutor, muitas vezes, preferia manter-se oculto, para não responder perante a repressão oficial. No mundo árabe, por exemplo, após a tradução os textos originais eram geralmente destruídos. Pym, comentando Simon Chau, autor do artigo *Hermeneutics and the translator: The ontological dimension of translating*, (este artigo do periódico *Interlingua* pode ser encontrado no endereço eletrônico <http://www.degruyter.com/view/j/mult.1984.3.issue2/mult.1984.3.2.71/mult.1984.3.2.71.xml>) resume, então, a posição teórica da hermenêutica, no século XX, quando não mais existe a certeza sobre o significado de um texto, seja ele original ou traduzido, e quando se questiona a originalidade do texto original:

Chau (1984) summarises the hermeneutic approach in terms of a few basic tenets. Since there is no truly objective understanding of a text, no translation can represent its source fully and all translations cannot but change the meaning of the source text. Further, following Gada-

mer, 'prejudices' are unavoidable and can be positive in all acts of interpretation. Chau claims that this general approach makes the translator at once humble and more responsible, taking part in the active creation of a translation rather than remaining a slave to illusions of necessary equivalence. Others might claim that the approach encourages the translator to transgress the ethics of fidelity or equivalence. Here, very clearly, the paths of the philosophers have diverged widely from the positivistic tenets of 20th century linguistic analysis. As formulated, the hermeneutic approach reflects aspects of the 20th century loss of certainty. Indeed, its tenets reappear in many contemporary approaches, certainly in Derrida (who started as a reader of Husserl) but also, perhaps paradoxically, in the move to descriptive translation studies, where positivistic conceptions of empirical science have nevertheless revealed the vast plurality of translatory practices. On both these fronts, Philosophy and Translation cultural relativism and historicism have taken over from claims to correct or complete interpretations. All these various strands have rejected the view that there is only one way to render any given source element; all have sought to understand how and why a translation is under-determined by its source. (PYM, 2007, p. 28)

Chau (1984) resume a abordagem hermenêutica, em termos de alguns princípios básicos. Como não existe uma compreensão verdadeiramente objetiva de um texto, nenhuma tradução pode representar integralmente a sua fonte e todas as traduções não fazem nada a não ser mudar o significado do texto original. Além disso, seguindo Gadamer, 'preconceitos' são inevitáveis e podem ser positivos em todos os atos de interpretação. Chau afirma que esta abordagem geral torna o tradutor ao mesmo tempo humilde e mais responsável, participando ativamente da criação da tradução ao invés de permanecer um escravo das ilusões da equivalência necessária. Outros podem clamar que a abordagem incentiva o tradutor a transgredir a ética da fidelidade ou equivalência. Aqui, de forma muito clara, os caminhos dos filósofos têm divergido amplamente em relação aos princípios positivistas de análise linguística do século 20. Como formulada, a abordagem hermenêutica reflete aspectos da perda das certezas do século 20. De fato, seus princípios reaparecem em muitas abordagens contemporâneas, certamente em Derrida (que começou como um leitor de Husserl), mas também, talvez paradoxalmente, na transição para os estudos da tradução descritivistas, onde concepções positivistas da ciência empírica mostraram, contudo, a grande pluralidade de práticas tradutórias. Em ambas as frentes, o relativismo cultural e o historicismo na Filosofia e na Tradução assumiram posições a partir das cobranças para corrigir ou completar interpretações. Todas estas diferentes vertentes têm rejeitado a ideia de que só se deve considerar um único texto de origem; todos têm buscado entender como e porque uma tradução é sub-determinada pela sua origem. (Tradução nossa)

A conexão que faço entre natureza da TE e o pensamento da hermenêutica do século XX é quanto à dessacralização do texto “original”, no processo tradutório. A TE é, geralmente, utilizada sem qualquer permissão ou autorização do autor do texto de partida e, muitas vezes, o texto traduzido é apropriado, publicado e divulgado sem essa mesma autorização. Esta postura integra-se a uma ideia tacitamente aceita pela cultura cibernética de que tudo que está na rede é público ou pode ser utilizado livremente. Além disso, na tradução automática dos sites, provida pela TE, o texto na língua original é ocultado, pois ele é indesejável para o usuário pragmático. Contemplar o texto original representaria uma perda de tempo. Deve-se dizer que a “hermenêutica radical” do século XX, contida no pensamento de Foucault e Derrida, não produziram o comportamento social relativista, mas, ao contrário, este espírito de época é que foi captado e descrito pelos autores citados.

A TE é parte integrante do ciberespaço, daquilo que Pierre Lévy denomina “inteligência coletiva” e constitui-se como mais um dos “serviços” veiculados pela Internet. Por ser um mecanismo complexo, o usuário normalmente não precisa se envolver com o processo tradutório, recebendo pronto o seu produto, ou seja, o texto traduzido. Nos casos em que o usuário iniciado ou especializado em tradução não ficar satisfeito com a tradução apresentada, o mesmo poderá recorrer ao aperfeiçoamento do texto traduzido, pelo cotejo entre o texto de partida e o de chegada. Nesse trabalho, o usuário poderá utilizar todas as ferramentas disponíveis para a “tradução assistida por computador”.

A TE não difere essencialmente da tradução realizada pelos seres humanos. Primeiramente porque o tradutor eletrônico é o resultado do conhecimento sobre diversas áreas, as quais convergem e se articulam na construção do mecanismo eletrônico. O tradutor eletrônico é, portanto, humano. Em seguida, quando o tradutor eletrônico é utilizado por profissionais da tradução, ele é apenas mais uma ferramenta eletrônica utilizada para facilitar a árdua tarefa tradutória, assim como dicionários e glossários eletrônicos, espelhos de tradução em tela, consultas online sobre dados históricos e informações di-

versas para subsidiar a tradução, *spelling checkers* etc. O profissional da tradução utilizará a “tradução bruta” fornecida pelo computador para, passo a passo, aperfeiçoar o texto, como faria com o primeiro rascunho de uma tradução humana. Finalmente, resta a situação de uso da TE por pessoas não interessadas nem envolvidas com as questões da tradução. Este tipo de uso cotidiano, o mais frequente, acarreta um impacto sociocultural e intelectual sem precedentes na história da tradução. Por estarmos vivendo a era do “faça você mesmo” (hoje, podemos, sem sair de casa, publicar um livro, “revelar”, imprimir e enviar as fotos, gravar um CD musical, produzir cartazes e folders, sem necessariamente sabermos desenhar e muitas outras coisas), pela primeira vez a tradução interlinguística de um texto, com razoável nível de acerto, é colocada ao alcance das pessoas em geral. Além disso, mesmo as pessoas sem conhecimentos de uma língua estrangeira são capazes de verter um texto de sua língua materna para diversas línguas estrangeiras. Sabe-se que a tradução da língua materna para uma língua estrangeira é uma tarefa muito mais difícil do que a operação inversa, principalmente para os que aprenderam essa língua estrangeira sem viver no país que fala essa língua. A questão é que, frequentemente, o autor de uma versão para a língua estrangeira não sabe se certas palavras existem ou não. No caso de uma versão português-inglês, por exemplo, às vezes não se sabe se certos cognatos existem (isto é tema de criações bem humoradas como o termo “rebolation”, da música popular). Esta tarefa é realizada competentemente pelo tradutor eletrônico.

Quanto à questão da autonomia da TE em relação aos estudos de tradução em geral, com base nos trabalhos consultados, percebe-se que eles dividem-se entre a alocação da TE no campo dos estudos linguísticos, mais especificamente na linguística computacional, ou na área da estatística, pelo viés da *type theory*, a qual envolve lógica, matemática e ciência da computação. Quanto à questão tecnológica, isto é, o ambiente que dá suporte ao funcionamento da TE, parece haver concordância de que se trata apenas de meio e não de finalidade. Existe ainda, contudo, uma lacuna quanto aos estudos sobre o impacto cultural da TE, e seus desdobramentos éticos, econômicos, políticos, ideológicos etc.

V – O tradutor eletrônico e o nó linguístico-cultural

Retornando às preocupações já externadas por Bar-Hillel há várias décadas quanto à impossibilidade de tradução dos dados culturais pelo tradutor eletrônico, buscaremos, nesta parte do trabalho, de natureza prática, analisar a performance do *Google Translate* diante dos conteúdos culturais contidos nos textos. A nossa questão norteadora de pesquisa é: O *Google Translate* será capaz de reatar o nó que une o dado linguístico ao cultural?

O *Google Translate* apresenta-se, atualmente, como um aplicativo gratuito acessível através da página inicial do navegador. O usuário introduzirá o texto que deseja traduzir no campo à esquerda, ou o endereço de um site contendo textos verbais. O campo esquerdo dispõe de mecanismo de voz para pronunciar as palavras nele contidas. Por ser o tipo de tradução mais utilizada, no Brasil, o Tradutor já está sintonizado para a tradução inglês-português, mas o usuário poderá escolher a tradução cruzada (tradução e versão interlinguísticas) entre 81 (oitenta e uma) línguas. Após a escolha dos idiomas, a tradução aparecerá imediatamente no campo à direita, em formato html/words, portanto copiável e modificável. Com o texto traduzido em tela, o usuário poderá ainda clicar no ícone “Melhorar esta tradução”, e enviar suas sugestões ao Google, que assegura no campo abaixo: “Sua contribuição será usada para melhorar a qualidade da tradução e poderá ser exibida anonimamente a outros usuários.” O *Google Translate* contém, ainda, dicionários bilíngues, caso o usuário queira colocar no campo à esquerda não um texto, mas uma palavra ou expressão, o qual será acionado pelo mesmo processo da tradução de textos.

Inicialmente avaliaremos a performance do *Google Translate* na tradução de uma fala do Dr. N. V. Cramden, o qual falava um inglês completamente fora da norma padrão. Ele é personagem do artigo “MYTH 17 - They Speak Really Bad English Down South and in New York City”, de Dennis R. Preston. A fala aparece a seguir, na sua íntegra:

‘Hey, how’s it goin’? Rotten break, huh? Ya got a pain in da noggin’. Don’t sweat it; I’m gonna fix ya up. Hey, nois! Ovuh beah! Bring me dat whatchamacallit. How da hell am I gonna take care of my patient beah if you don’t hand me dem tools? Dat’s a goil.’

O texto acima, composto de 53 palavras, foi traduzido por:

*‘Ei, como vai isso? Pausa podre, hein? Ya tenbo uma dor no da cuca “.
Não se preocupe; Eu vou consertar ya-se. Ei, nois! Heah Ovuh! Traga-me
whatchamacallit dat. Como da diabos eu vou cuidar do meu paciente
heah se você não me dê dem ferramentas? Dat é um Goil.’*

Comentário:

a) Tipo da Performance

O *Google Translate* mantém na sua forma original as palavras que não se encontram no seu banco de dados. Isto ocorreu com as seguintes palavras: ya/da/ya/nois/heah /ovuh/watchamacallit/da/heah/dem/dat/goil, perfazendo 12 vocábulos não traduzidos, correspondendo a um percentual de 22,6%. O texto traduzido contém gírias, transcrição fonética de palavras pronunciadas fora do padrão “general American”, algumas delas contendo uma pronúncia não rótica, mais típica dos sotaques dos afro-americanos. Essas palavras listadas acima foram desconsideradas e repetidas pelo tradutor, o que revela ser o banco de dados do *Google Translate* composto predominantemente de palavras em sua ortografia padrão. Assim, /dat/, no texto original significa “that” e não foi traduzida por não constar no banco de dados a forma escrita daquela variante fonética do inglês não-padrão. O mesmo ocorreu com /da/ (the), /dem/ (them), /ya/ (you), /nois/ (noise), /heah/(here) e /ovuh/ (over). Entretanto, o processador traduziu /huh/ (hein) e /hey/ (ei), o que demonstra a existência de algumas realizações fonéticas não-padrão no banco de dados. Observe-se que, no caso de “hand me them tools” há uma dificuldade extra para o tradutor, de natureza gramatical, pois há uma troca na categoria pronominal, ocorrendo o uso de um pronome objetivo (oblíquo) em lugar de um demonstrativo (those). Para uma tradução correta seria preciso haver o registro desse tipo de ocorrência nas normas gramaticais do banco de dados.

Quanto à questão verbal, observa-se, na tradução de “Ya got a pain in da noggin’.” Que, quando o sujeito do verbo não está claro (neste caso o tradutor não processou a palavra “ya”/you) traduz-se, pelo índice estatístico de ocorrência, o verbo na primeira

pessoa do singular, no presente do indicativo. No caso em análise, a tradução foi “Ya tenho uma dor no da cuca”, portanto, errônea.

Quanto às palavras informais, chulas ou gírias, tivemos: /noggin?/, grafada de modo fonético e mesmo assim traduzida com acerto por “cuca”. Entretanto, a palavra watchamacallit, que também se grafa “what-cha-ma-call-it”, não foi traduzida, talvez por se tratar de um termo bastante cultural, o qual pode ter variantes regionais. Em português podemos encontrar o equivalente em expressões regionais como “como é mesmo o nome deste troço” ou, menos frequente, “rebinboca da parafuseta” (referindo-se ironicamente aos nomes complicados das peças que os mecânicos afirmam ter trocado para explorar os leigos), isto é, quando uma coisa tem um nome tão complicado que o falante não quer nem se arriscar a pronunciar. Quem sabe ele não estava se referindo ao estetoscópio ou outro aparelho médico de nome complicado? (O Dr. Cramden, no artigo, é um neurocirurgião que assustou o seu cliente, o qual se encontrava com suspeita de tumor cerebral, na primeira consulta, por falar completamente através de gírias. A passagem do artigo representa uma situação típica de preconceito linguístico.)

A expressão idiomática “rotten break”, nome de uma música de Alexis Korner, poderia significar algo como “Que azar!” ou “Que coisa chata!” foi traduzida erroneamente, palavra por palavra. A expressão “fix ya up” (fix you up) também não foi traduzida, por conta da grafia fonética de you como “ya”. Note-se o tom coloquial, quase chulo do discurso, onde são abundantes os verbos com partículas. A palavra “goil”, com origem no irlandês arcaico, significando choro, choramingar, não faz parte do dicionário do Tradutor e também foi mantida no original. As palavras que não foram traduzidas com acerto e aquelas mantidas no original somaram 18. Isto representa um percentual de 33,9%, ou seja, o *Google Translate* foi capaz de traduzir um texto fortemente cultural do inglês para o português com 69,1% de acerto.

Os achados desta análise de um corpus limitado apontam para um diagnóstico duplo: de um lado, percebe-se que o *Google Translate* possui um banco de dados na língua inglesa restrito à ortografia padrão, dicionarizada, das palavras. As variações fonéticas não

são, geralmente, registradas. Além disso, grande parte das expressões idiomáticas das variações regionais ainda não integra o banco de dados em inglês do *Google Translate*. Por outro lado, percebe-se que as falhas encontradas neste tipo de tradução poderão ser sanadas ou melhoradas, simplesmente pelo acréscimo de expressões idiomáticas e pelo registro das variações orais de palavras como /da/(the), /dat/ (that), /ya/ (you), /heah/ (here) e /dem/ (them) no banco de dados do inglês. Entretanto, sabemos que a tradução é uma via de mão dupla e vocábulos e expressões igualmente informais, chulos ou gírias em português devem ser acoplados no banco de dados /dicionário inglês português, para permitir a transposição no mesmo registro linguístico para a língua de chegada.

Considerações finais

Após a análise da tradução do corpus linguístico limitado em inglês coloquial com forte influência afroamericana (black English ou ebonics) observamos que o *Google Translate*, em sua configuração inglês-português, encontra-se em fase de aperfeiçoamento para a tradução de textos fortemente culturais. Algumas palavras e expressões de variações não-padrão já se encontram no banco de dados, mas a maioria delas ainda não integra o dicionário bilíngue inglês-português do Tradutor. A política de deixar as palavras desconhecidas na sua forma original pode ser considerada correta, pois facilita a tarefa de aperfeiçoamento ou edição da tradução bruta oferecida pelo tradutor. No passado, o próprio *Google Translate*, assim como outros tradutores eletrônicos, omitiam as palavras desconhecidas e isto gerava riscos de distorções ou esquecimento na tradução e dificuldades para se descobrir quais palavras haviam sido omitidas, no trabalho de cotejo e aperfeiçoamento da tradução bruta.

Se, por um lado, um índice de acerto de 69,1% de acerto na tradução de um texto contendo dados culturais pode ser considerado razoável, por outro, com base na análise da parte anterior do trabalho, percebe-se que quase todos os problemas ocorreram justamente quanto às palavras que expressam a identidade cultural do falante, isto é, os 30,9% de erros. Isto leva a concluir que o desempenho do *Google Translate* é muito inferior quan-

do traduz textos produzidos por falantes de variações minoritárias do inglês e quando a ortografia do texto se afasta da grafia dicionarizada das palavras.

Os resultados da análise são, no fundo, animadores, pois o modo de corrigir as deficiências é apontado neste trabalho e não demandam um esforço tão grande. Sabe-se, entretanto, que todo tradutor eletrônico precisa ser diariamente atualizado, assim como todo dicionário das línguas naturais também. No caso do *Google Translate*, nós, usuários somos responsáveis, em parte, por esta atualização.

Não se trata, aqui, de elogiarmos ingenuamente os benefícios do *Google Translate*, pois sabemos de todas as implicações de dominação cultural, política, linguística, econômica, comercial e ideológica implicadas no uso de um tradutor eletrônico (e de um navegador) como o Google e suas políticas de uso. Não sabemos quase nada sobre o nível de sigilo e de respeito às informações pessoais contidas nos textos traduzidos e armazenados pelo *Google Translate*. Chamo a atenção, também para as implicações do “superpoder” de um tradutor eletrônico como o do Google, por estar situado em local privilegiado, isto é, no navegador e mecanismo de buscas mais acessado do mundo, cuja sede e banco de dados estão localizados nos Estados Unidos.

Quanto às premonições pessimistas de Bar-Hellel feitas há décadas, penso que elas não podem ser desconsideradas, mas não devem ser assumidas *ipsis litteris*. Embora nunca se possa separar língua de cultura, pois a primeira é a expressão desta última, o aperfeiçoamento da tradução inglês-português de textos fortemente culturais do *Google Translate* e, por conseguinte, da TE em geral, deve ser focada no banco de dados bilíngue inglês-português, através da inclusão de: expressões idiomáticas, variações fonéticas não padrão das palavras e gírias típicas de diversas comunidades. Certamente, a melhoria radical do banco de dados não tornará o tradutor eletrônico perfeito, tampouco superior ao tradutor humano. É, contudo, promissor e imprevisível o futuro da TE, uma vez que novos processos digitais poderão ser usados em tarefa cansativas, como inserir milhões de novas formas, palavras e expressões da língua não-padrão advindas das incontáveis comunidades e identidades culturais que formam o universo dos usuários nativos da língua

inglesa, possibilitando, assim, reatar o nó entre língua e cultura, afrouxado no tradutor eletrônico.

Por último, por não ter ficado inteiramente satisfeito com a tradução proposta pelo *Google Translate* enviei ao site <https://www.google.com.br/>, no campo apropriado do Tradutor do Google, como sugestão, a seguinte tradução:

‘Ei, como vai isso aí? Que coisa chata, hein? Você tem é uma dor na cuca. Não se grile; vou dar um jeito em você. Ei, mas que zoeira! Chegue aqui! Me tragam aqui... como é mesmo o nome desse troço? Como diabos eu vou cuidar do meu paciente aqui se não me trazem os trecos? É uma tristeza!’ (Tradução nossa)

E o *Google Translate* respondeu automaticamente, de modo lacônico: “Agradecemos o envio”.

ABSTRACT: It proceeds, initially, a brief historicizing of Machine Translation, discusses the question of its inclusion in the theoretical field of translation in general and describes, in an educational and illustrative manner, the principle of operation of the machine translators. Then we proceed to the analysis of the *Google Translate* performance in its English-Portuguese configuration applied to the translation of a text with a strong cultural identity and content. The findings suggest that current deficiencies in the translation of non-standard variations of English texts can be improved with the inclusion of new words, idioms and slang referring to the different variants of the English native speakers, to be done in the English-Portuguese database of the translator .

KEYWORDS: Machine translation - *Google Translate* - database – non-standard English - translation theory

REFERÊNCIAS

ARNOLD, Douglas *et alii*. *Machine Translation: an Introductory Guide*. London: Blackwell, 2001.

CHAU, S.S.C. Hermeneutics and the translator: The ontological dimension of translating. *Multilingua - Journal of Cross-Cultural and Interlanguage Communication*. Volume 3, Issue 2, Pages 71–78, ISSN (Online) 1613-3684, ISSN (Print) 0167-8507, DOI: 10.1515/mult.1984.3.2.71, October 2009

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

KUHIWCZAK, Piotr & LITTAU, Karin. Eds. *A Companion to Translation Studies*. Clevedo, UK: Multilingual Matters Ltd., 2007.

LIMA, Luciano Rodrigues. “Tradução eletrônica: do riso irônico ao interesse científico”. Vitória da Conquista, Ba: *Fólio – Revista de Letras*. Vol. 3, No 1 (2011).

PRESTON, Dennis R. “They Speak Really Bad English Down South and in New York City?”. In: LAURIE, Bauer and TRUDGILL, Peter. *Language Myths*. New York: Penguin Books, 1998. p. 139-149.

*Recebido em 16/09/2016.
Aprovado em 18/02/2017.*